



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

AUTOMEDICACAO E O PAPEL DO FARMACEUTICO¹

**Luana Cristina Klock², Giseli Thais Boldrini³, Dieine Caroline De Melo Wirzbicki⁴,
Angélica Cristina Moreira⁵.**

¹ Trabalho apresentado na disciplina Estágio VI: Farmácias e Drogarias do Curso de Graduação em Farmácia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI

² Acadêmica do Curso de Graduação em Farmácia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul- UNIJUI.

³ Acadêmica do Curso de Graduação em Farmácia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul- UNIJUI.

⁴ Acadêmica do Curso de Graduação em Farmácia, Bolsista PIBIC/UNIJUI, Departamento de Ciências da Vida – DCVida, UNIJUI.

⁵ Mestre em Controle de Qualidade, Professora do Departamento de Ciências da Vida da UNIJUI.

Resumo: O objetivo deste estudo é revisar e discutir a automedicação entre a população, tendo como base a posição do farmacêutico frente a esse assunto. O livre acesso aos medicamentos dá a impressão de que os mesmos não trazem riscos à saúde, podendo, desta forma, causar reações indesejadas ou intoxicação pelo uso indiscriminado. O hábito de se automedicar está influenciado pela presença de sinais e sintomas agudos como dor e febre. O farmacêutico é o último profissional a entrar em contato com o paciente antes do tratamento medicamentoso, cabe a ele alertar e desenvolver maneiras educativas onde possa orientar sobre o uso racional de medicamentos.

Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a automedicação como a prática pela qual os indivíduos usam medicamentos para tratar sintomas ou pequenos problemas de saúde (OMS, 1998). Inclui-se a prescrição de medicamentos por pessoas não habilitadas, como amigos, familiares ou balconistas da farmácia. Outro termo utilizado é a automedicação orientada, que se refere à reutilização de receitas antigas (PAULO; ZANINE, 1988).

A automedicação inadequada pode ter como consequência efeitos indesejáveis, enfermidades iatrogênicas e mascaramento de doenças evolutivas, representando, portanto, problema a ser prevenido (CAMPOS, 1985).

O uso indevido de substâncias e até mesmo drogas consideradas “banais” pela população, como os analgésicos, pode acarretar diversas consequências como resistência bacteriana, reações de hipersensibilidade, dependência, sangramento digestivo e ainda aumentar o risco para determinadas neoplasias. (VILARINO, 1998).



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

A propaganda massiva e a facilidade de acesso a medicamentos em farmácias e supermercados dão a impressão de que são produtos livres de riscos. Além disso, estimula o uso indiscriminado, o que nem sempre resulta nos efeitos prometidos, e expõem os consumidores a reações indesejadas, às reações adversas, sempre crescentes devido ao consumo elevado de medicamentos que se observa na atualidade. (NASCIMENTO, 2003).

Cabe ao profissional de saúde incentivar e promover a reflexão e a discussão acerca do assunto envolvendo profissionais de saúde, gestores, políticos e a população. O profissional habilitado deve orientar a população sobre o medicamento visando à diminuição de risco e a maior eficácia possível (BORTOLON, KARNIKOWSKI; ASSIS, 2007).

Diante do exposto, o objetivo deste estudo é revisar e discutir a automedicação entre a população, tendo como base a posição do farmacêutico frente a esse assunto.

Metodologia

Este estudo constitui-se de uma revisão da literatura e para tanto foram realizadas buscas nos bancos de dados da Scielo, Google Acadêmico e Bireme, onde foram selecionados artigos publicados em língua portuguesa no período de 1985 a 2013. Para essa pesquisa foram utilizados os seguintes descritivos: automedicação, uso racional de medicamentos, atenção farmacêutica e a automedicação.

Resultados e Discussões

Foram selecionados 15 artigos para análise dos dados.

O medicamento enquanto símbolo de saúde, é a possibilidade mágica com a qual a ciência, tornou acessível este desejo de consumi-lo, através de uma pílula ou algumas gotas, sob a forma de prevenção, remissão e triunfo definitivo, reproduzindo no dia a dia sobre o cortejo de males do corpo e da alma que afetam o homem e sobre as “carências” ou limitações inerentes à condição humana: medicamentos geriátricos contra a perda da memória, vitaminas contra a calvície, etc. (LEFÈVRE, 1991).

Perreira (1996) cita que a automedicação constitui uma prática universal, presente nas mais diversas sociedades e culturas, independentemente do grau de desenvolvimento socioeconômico das mesmas. De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), cerca de 80 milhões de brasileiros seriam adeptos da automedicação. Onde a maior incidência de problemas está ligada à intoxicação e às reações de hipersensibilidade ou alergia.

Segundo a Fundação Oswaldo Cruz, (2006), os medicamentos são responsáveis por 28% dos casos de intoxicação humana no país, sendo os benzodiazepínicos, os medicamentos utilizados para o





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

tratamento dos sintomas da gripe, os antidepressivos e os anti-inflamatórios as classes de medicamentos que mais intoxicam.

Segundo Vilarino et al (1998) estudos realizados em países desenvolvidos e em países em desenvolvimento, têm mostrado que o hábito da automedicação está associado à presença de sinais e sintomas menores de características agudas. A segunda classe terapêutica mais utilizada pela população em estudo foi a das vitaminas (18,9%).

Chiaroti, Rebello e Restini (2010) descrevem que a atuação farmacêutica é vital para a adesão do paciente ao tratamento e a diminuição dos possíveis riscos que a automedicação pode levar.

Estratégias de promoção ao uso racional de medicamentos, como palestras educativas para a comunidade, orientação sobre o uso racional de medicamentos no processo de prescrição e de dispensação de medicamentos podem auxiliar a população na adoção desta prática em situações em que a mesma possa ser adotada (CASCAES, FALCHETTI, GALATO, 2008).

Conclusão

O medicamento ocupa papel fundamental na busca pela recuperação da saúde e é elemento essencial das práticas profissionais. A disponibilidade desses produtos pode satisfazer as expectativas dos usuários, mas deve ser considerado pelos profissionais da saúde como uma ferramenta adicional, acessória as medidas de caráter preventivo e de promoção da saúde da população.

Automedicação acontece independente da classe social e nível cultural da população. Porém é possível evitá-la ou tentar minimizar através do incentivo da relação entre o profissional/paciente. O farmacêutico é o último profissional a ter contato com o paciente antes do tratamento medicamentoso, cabe a ele desempenhar o papel de responsabilidade quanto a informar e educar o paciente sobre a terapia farmacológica no momento da dispensação.

Palavras-chave: Atenção farmacêutica; efeitos indesejáveis; uso irracional de medicamentos.

Referências:

BORTOLON, P.C.; KARNIKOISKI, M.G.O.; ASSIS, M. Automedicação versus indicação farmacêutica: o profissional de farmácia na atenção primária à saúde do idoso. In: Internet. Disponível em: <http://www.nates.ufjf.br/novo/revista/pdf/v010_n2/12_automedicacao.pdf>. Acesso em 30 de maio, 2013.

CAMPOS, J.M. et al. Prescrição de medicamentos por balconistas de 72 farmácias de Belo Horizonte/MG em maio de 1983. J. Pediatr, v.59, p.307-12, 1985.



SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUÍ 2013
Ciência • Saúde • Esporte



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Seminário de Iniciação Científica

CASCAES, E.A., FALCHETTI, M.L.; GALATO, D. Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. Arquivos Catarinenses de Medicina. v. 37, n. 1, 2008.

CHIAROTI, R.; REBELLO, N.M.; RESTINI, C.B.A. A Automedicação na cidade de Ribeirão Preto – SP e o papel do farmacêutico nessa prática. ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.6, n.10, 2010.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Centro de Informação Científica e Tecnológica. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/sinitox/2003/umanalyse2003.htm>> 1998. Acesso em: 30 maio 2013.

LEFÈVRE, F. O medicamento como mercadoria simbólica. São Paulo: Cortez; 1991.

NASCIMENTO, M.C. Medicamentos: ameaça ou apoio à saúde? Rio de Janeiro: Vieira e Lent; 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. O papel do farmacêutico no autocuidado e automedicação. O Hange: Organização Mundial da Saúde, 1998.

PAULO, L.G.; ZANINE, A.C. Automedicação no Brasil. Rev. Assoc. Med. Bras., v.34, p. 69-75, 1988.

PERREIRA, N.S. Princípios gerais do uso clínico dos antibióticos. Jornal Brasileiro de Medicina, v. 70, n. 4, p. 19-35, 1996.

VILARINO, J.F. et al. Perfil da automedicação em município do sul do Brasil. Rev. Saúde Pública, v. 32, n.1, p. 43-49, 1998.

